



**PROJETO MÁRIO TRAVASSOS**

**Artigo de Opinião**

**A ABSORÇÃO DA ALTA CULTURA LITERÁRIA PARA O INDIVÍDUO**

**Cap Matheus Rocha**

(opinião de inteira responsabilidade do autor)

**Campinas**

**2021**

## 1. INTRODUÇÃO

Os grandes escritores, dotados de sensibilidade para perceber a realidade, de inteligência para descrevê-la e de criatividade para expandi-la deram vida às páginas brancas e eternizaram-nas os mais profundos legados de suas épocas. Buscaram no fundo de suas almas a transcrição mais cristalina e sincera de suas percepções, cujos sentimentos e emoções, constantes e nuances, evidências e contradições, desejos e imaginações forneceram a determinados grupos primitivos um senso de unidade e de orientação temporal. Analisando o período de prosperidade de qualquer civilização, identificamos, da origem ao apogeu, uma presença cultural contínua e ascendente, em cujo núcleo identificamos as narrativas ficcionais que em produção paralela e proporcional auxiliaram no desenvolvimento social. Poemas, romances e contos então transmitidos sob forma de livro, permitiram manter vivos os laços culturais que conectavam as gerações ao mesmo tempo que davam forma à sociedade da qual emergiam.

Como já mencionou o filósofo e escritor Olavo de Carvalho, “a identidade nacional é a memória viva dos grandes feitos realizados em comum”. Uma vez revividos pela leitura os feitos de superação dos grandes personagens da literatura, retransmitiam-se aos leitores os valores morais transcendentais neles contidos. Esse processo contribuiu para elevação do espírito, deixando os pormenores sociais e os vícios individuais gradualmente esquecidos. Formou-se, com a reunião de diversas obras literárias, o arcabouço de possíveis experiências humanas no imaginário popular, as quais, mais tarde, iluminariam direta e indiretamente as ações dos personagens reais, os agentes históricos. Surgiram, então, as narrativas históricas que, por sua vez, influenciaram as novas narrativas ficcionais. Pode-se dizer que o espírito patriótico foi alimentado por essa expansão cultural que se retroalimentava a cada conquista.

A alta cultura literária, portanto, é um conjunto de obras escritas de elevado valor estético produzidas ao longo dos séculos, e que de algum modo e lugar contribuíram, inevitavelmente, para transcendência do indivíduo. Se existe alta cultura, existe a baixa. Esta, por sua vez, não merece mérito, pois não propiciou o terreno fértil para a transcendência humana, pelo contrário, imbecilizou o indivíduo não só pelo apelo às pequenezas mundanas, mas também pela tentativa de destruir a autonomia da consciência de cada um. Mesmo com uma expressão linguística atraente, buscaram sutilmente desconstruir os valores fundantes que acompanharam o movimento de prosperidade civilizacional e, sobretudo, buscaram substituir a própria imagem de Deus.

Contudo, neste artigo, tenho o objetivo evidenciar e explicar a importância da melhor absorção possível das obras literárias clássicas para o indivíduo, especificamente as narrativas ficcionais, que mesmo com o passar dos anos, mantêm sua autenticidade e originalidade.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Mesmo com o avanço tecnológico e suas inevitáveis mudanças sociais, a natureza humana ainda se mantém a mesma. A busca do conhecimento através da leitura dos grandes clássicos nos mostra, entre outras coisas, que as épocas, por mais distantes que pareçam estar temporalmente, estão intimamente ligadas e imaginativamente acessíveis. Através desta completa imersão imaginativa nas obras, podemos articular ensinamentos de Homero a Dante, de Camões a Machado de Assis, de Shakespeare a Dostoiévski, de Balzac a Goethe, entre outros. Em pouco tempo conseguimos gozar das experiências que os grandes autores condensaram durante muito tempo em um livro. Temos em nossas mãos, o patrimônio de julgamento dos grandes sábios da história que nos ajuda a sair de nosso medíocre provincianismo temporal e a concebermos, após sua absorção, a noção transcendental de nossa existência.

Há, no mundo ocidental, uma crescente e proposital degradação moral do indivíduo, cujo processo coincide com a necessidade de readaptação dos ideais marxistas fracassado nas estratégias de Ocupação de Espaços de Antônio Gramsci (1891 – 19367) e da Revolução Sexual da Escola de Frankfurt (1924), mantendo-se somente o espírito revolucionário como elemento comum e intacto entre as doutrinas. A primeira promoveu a hegemonia cultura do pensamento esquerdista cultivada do meio acadêmico e midiático; a segunda, aproveitando daquela, estimulou os vícios e a regressão da autonomia individual da compreensão da realidade, com objetivo de deixar o cidadão comum totalmente dependente de uma entidade superior cada vez mais controladora e inatingível.

Hoje, o cidadão comum, que é atordoado por uma gama de informações desnecessárias e prejudiciais que lhe causam estresse e preocupações excessivas, acaba se afastando de suas origens, do sentido da vida e se tornando incapaz de buscar respostas mais profundas aos problemas que realmente lhe aflige. Outro fator decorrente dessa cultura pobre é que muitas dessas pessoas não sabem descrever nem para si mesmo seus próprios conflitos internos, entre outros motivos, por não possuírem uma habilidade linguística robusta que lhes forneça signos capazes de emitir com precisão todos seus sentimentos. Hoje, qualquer notícia fraudulenta de jornal, postagem lacradora de rede social e receitas de bolo, já esgotam a cota de leitura diária de um cidadão comum. Todos esses fatores inibem a inteligência, limitam a capacidade de percepção da realidade tal como ela se apresenta, promovem uma recompensa imediata danosa para a rotina, cultuam excessivamente a forma e a sensualidade, e corrompem a parte espiritual.

Mesmo com os problemas morais e educacionais presentes no ocidente moderno, deve o ser humano buscar aprimorar suas potências intelectivas. A capacidade criativa de articular os dados que a realidade nos apresenta é inerente a qualquer ser humano, devendo ser aprimorada e mantida durante toda vida. Não há como contabilizar a totalidade de experiências humanas. Jamais um

indivíduo, por mais tempo que viva, conseguirá conceber, ao menos na imaginação, todas as sensações, sentimentos, emoções e práticas possíveis do ser. A compreensão humilde dessa limitação facilita a busca pelo conhecimento e aguça a curiosidade espontânea. Aquele que assim crê, saberá que existe, além de si próprio, uma infinidade de circunstâncias inabarcáveis, das quais, todavia, tentará absorver, dentro de seu propósito de vida, caso o tenha, alguns dos materiais de interesse que lhe ajudaram a consolidar seus objetivos mais nobres. Nesse caminho estará, inseparavelmente, a comunhão dos ensinamentos dos grandes intelectuais do passado por meio da leitura.

A boa leitura promove a pacificação interior da vida por meio de um processo imaginativo ritmado, onde o acúmulo de informações dispersas começa, através da imersão profunda nos clássicos, a tomar uma forma que se aproxime de uma realidade substantiva. Há um aprimoramento das conexões neurais à medida que colecionamos dentro da nossa memória as diversas experiências revividas pela leitura, e os assuntos que antes pareciam estar distantes passam a estabelecer uma conexão tão íntima que nos faz perceber o quão idiota eramos. Entretanto, o raciocínio lógico de nada adianta se não estiver assentado em premissas verdadeiras, cuja base de obtenção é a aceitação sincera da realidade e a habilidade de descrevê-la sem as influências de vícios e vaidades.

A fuga dessa confissão sincera guia o ser humano para uma espiral de mentiras, da qual não conseguirá mais sair e acabará perdendo de vez sua consciência individual submetendo-a a uma coletiva. Dentro dessa concepção, deve o leitor se afastar momentaneamente das próprias ideias, prestar a atenção nas descrições do autor, buscar entender o referente de cada palavra utilizada e não fazer um julgamento precoce das ideias do livro, evitando antever erroneamente o seu final. Depois dessa leitura paciente, pode o leitor se deixar influenciar, fazer seu sincero julgamento e internalizar empaticamente todas as tensões humanas contidas na história.

### **3. CONCLUSÃO**

No nascer, herdamos, sem poder de escolha, o peso cultural de nosso antepassado familiar e social. No amadurecer, começamos a incorporar gradualmente todas as impressões e hábitos familiares oriundos da cultura local. Todo esse rol de experiências, algumas das quais serão, na medida do amadurecimento, conhecidas por meio da presença determinará nossas escolhas. O processo de transformação inerente à humanidade, a cada dia cria novas situações que, por sua vez, vão desencadear novas reações. Ou seja, a todo momento as pessoas experimentam sensações com as quais precisaram recorrer consciente ou inconscientemente às referências passadas. Resgatar os conhecimentos obtidos pela presença nem sempre será suficiente, de certo o complemento deve vir dos estudos, sobretudo através da absorção da alta cultura literária, motivados pela descoberta

sincera de quem se pretende ser, sem confiar essa responsabilidade ao sistema educacional estatal ou até mesmo privado que hoje não preparam ninguém a vida madura. A verdadeira elevação vem da verdadeira motivação que nasce no interior de cada um. Deve-se preocupar em entender o que se lê, que é diferente de saber ler. Se não há compreensão, não há leitura. É importante, portanto, que adquiramos um domínio da língua e uma grande potencialidade expressiva.

Há, no jovem inculto, uma gama de possibilidades humanas desconhecidas, as quais lhe serviriam, caso as tivesse concebido também por meio da leitura, como um recurso mundano imprescindível a seu futuro papel social. Tais concepções colocariam a sua disposição ferramentas que melhorariam sua capacidade de decisão diante das inevitáveis circunstâncias surpreendentes, orientar-lhe-iam suas estimas com mais precisão e lapidariam seu senso de justiça quando a situação lhe exigisse posicionamento. Suas novas experiências lhe forneceriam subsídios de melhor exame do mundo real e não ficariam angustiados ao ouvir a frase de Groucho Marx: “Afinal, você vai acreditar em mim ou nos seus próprios olhos?”.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições**. São Paulo. É Realizações, 2000.

CARVALHO, Olavo de. **Nova Era e Revolução Cultural. Fritjof Capra e Antônio Gramsci**. Vide: 2014.

MARCUSE, H. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PETIT, Michele. **A Arte de Ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo. Editora 34, 2009.

SERTILLANGES, Antonin-Dalmace. **A vida intelectual: Seu espírito, suas condições, seus métodos**. Campinas. CEDET, 2019.

WALSH, Michael. **Escola de Frankfurt – O Palácio de Prazer do Demônio – O Culto da Teoria Crítica e Subversão do Ocidente**. Campinas. Vide Editorial, 2020.